



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

9 DE SETEMBRO
DE 1954

Director: Guilherme P. da Rosa
Editor: José Benigno Pereira

Redacção, administração e oficinas
Rua do Século, 49 — LISBOA

NÚMERO 1.008
ANO XLVIII

SIDNEY CHAPLIN

JÁ DÁ QUE FALAR

CHARLIE Chaplin, tem sete filhos — sem contar aqueles que tentaram atribuir-lhe. Desde que há onze anos é casado com Oona O'Neil, já teve cinco: Geraldine, Michael, Josephine, Victoria e Eugène, frutos de um genuíno matrimónio de amor. Os dois restantes são bastante mais velhos. Estão, por seu turno, na altura de fazerem experiências matrimoniais, depois de terem nascido de uma infeliz união cuja ruptura deu muito que falar há 27 anos.

Efectivamente, em 1918, Charlot já se deixara dominar pela atracção do casamento. Quem o induziu a dizer o «sim» foi uma tal Mildred Harris, que por essa altura trabalhava nos filmes de Griffith. A experiência durou dois anos. O filho que nasceu só durou três dias. A separação deu lugar a incidentes dignos de um filme de Mack Sennett.

Posteriormente Mildred Harris teria outras aventuras, outros maridos. Pouco a pouco, perderia o seu «standing» artístico e morreria, aos 41 anos, com uma pneumonia.

Charlot passaria a desconfiar, doravante, das raparigas de 16 anos que encontrasse no caminho. Mas não desconfiou de Lita Grey, talvez por a ter conhecido quando ela tinha apenas sete Primaveras.

Lita contava doze anos quando Chaplin lhe deu o papel de anjo no sonho de «O garoto de Charlot». Chamava-se (no estado civil) Lolita Mac Murray e era mexicana. Era o que se pode chamar um belo animalzinho. Parece que Chaplin se enganou sobre as suas possibilidades artísticas. Pensava ele que poderia dar-lhe o lugar que Edna Purviance ocupava nos seus filmes. Assinou, portanto, com Lita Grey, um contrato que a mãe da jovem considerou interessante. Mas como Chaplin se mostrava muitas vezes em público com a nova vedeta, a família desta exerceu sobre ele ligeira chantagem, propondo-lhe a seguinte alternativa: o casamento ou os tribunais. Desposou-a em Novembro de 1924, no México, meio clandestinamente. Lita tinha 16 anos.

OS PESQUISADORES DE OIRO

Chaplin apercebeu-se logo em seguida de que fizera asneira

grossa. Tal como a primeira, a segunda esposa não fora feita para o compreender. Reflectindo bem, achou-a incapaz de interpretar o papel que lhe destinava em «A quimera do ouro» e contratou Georgia Hale. Daí resultaram graves distúrbios domésticos, provocados sobretudo pela mãe de Lita, a sr.^a Mac Murray, a qual sob o pretexto de que sua filha era excessivamente jovem para se ocupar da casa, compartilhava da vida doméstica de ambos.

Dois filhos vieram ao Mundo, mas isso não concorreu para apaziguar a situação. As coisas foram envilecendo. A jovem senho-

ra Chaplin trazia para casa bandos de convidados barulhentos, que o marido — fatigado pelo seu trabalho no estúdio e desejoso de repousar — expulsava com grande vivacidade. Lita acusou-o de «crueldade mental», argumento que a jurisdição americana aceita facilmente, e pediu o divórcio. O processo exigia que Chaplin não dispusesse dos seus fundos, sequer dos seus direitos cinematográficos, enquanto não se procedesse à «partilha» imposta pelas damas Mac Murray. Para apoiar as suas reivindicações, a esposa começou a contar histórias fantásticas.

Ao tempo dos seus desaguisados com Mildred Harris, Chaplin tivera de fugir para Nova Iorque, levando consigo as bobinas com os negativos de «O garoto de Charlot». Desta vez, teve de interromper a realização de «O circo» e de encerrar os seus estúdios, em redor dos quais gravitavam ameaçadoramente os homens ditos da lei.

Por haver cometido o erro de desposar uma rapariga que via nele apenas o homem célebre e rico, o grande génio do cinema

★ Continua na pag. 3 ★



UMA RAINHA QUE TEM UM CÃO

UM adágio jornalístico proclama que um cão que morde um homem não constitui uma notícia, mas que um homem que morde um cão é um facto digno de nota.

A fórmula foi contraditada há poucos dias na Inglaterra, por um pequeno escândalo, ao mesmo tempo humano, canino e real: os cães de Sua Graciosa Majestade Britânica Isabel II deram que falar de si.

Em duas dentadas, esses nobres animais entreteram a crónica de tal maneira que durante alguns dias, o público inglês esqueceu-se dos rumores, anunciando um feliz acontecimento na corte de Saint-James e os ruidos acerca do último «flirt» ou as últimas «toilettes» da princesa Margarida.

E mais de uma «honorable lady» apertou contra o peito o seu «fox» ou o seu pequinóis pensando com terror, que o amigo do homem (e das velhas solteironas) obedece por vezes a detestáveis caprichos de natureza a desacreditar a honorabilidade dos cães britânicos e a chocar as conveniências.

A rainha Isabel, como ninguém ignora — pelo menos, na Inglaterra — possui três cães: «Susan», «Honey» e «Sugar». Uma recente fotografia mostrava a rainha, desembarcando do avião no aeroporto de Londres, acompanhada de «Susan» que levava atrelada.

Esses três espécimes da espécie canina pertencem a uma raça de cães gauleses chamados «corgies», que se assemelham aos chamados «basset», focinho ponteagudo, etc. Os pastores gauleses apreciam imenso o mérito destes simpáticos animais, confiando-lhe a guarda dos seus rebanhos. Em todos os tempos, a família real inglesa tem tido «Corgies». Como é que, de súbito, esses cães se entregaram a movimentos de mau humor, tão prejudiciais ao bom renome da sua raça, atirando-se às canelas de dois respeitáveis súditos de sua Graciosa Majestade? É um mistério que ninguém ainda esclareceu, mas os factos não deixam de ser evidentes.

A primeira «agressão» produziu-

QUE NÃO GOSTA DE RELOJOEIROS NEM DE SENTINELAS

se no quadro bastante digno do castelo de Windsor. A real residência é rica em relógios que reclamam constantes e atenciosos cuidados. Desde há anos que está encarregado deles um relojoeiro: Leonard Hubbard, de 47 anos, estabelecido em Richmond. Todas as semanas, Hubbard vai ao castelo, do qual se tornou um dos personagens familiares, passando de um aposento a outro, para verificar a exactidão dos relógios que têm marcado as horas da mais velha monarquia da Europa.

Mr. Hubbard entrou na «nursery» onde brincavam o pequeno príncipe Carlos, «Plum Pudding», e a princesa Ana, sob a guarda de miss Lightbody, na companhia dos três cães.

Mal tinha transposto a entrada, quando um deles — qual dos três? — correu para ele e o mordeu na perna direita. Hubbard soltou um grito, levou a mão à perna e disse: — Não foi nada.

Regulou o relógio e continuou a sua ronda. Quando acabou o trabalho e atravessava a «nursery», um dos cães — «Susan», «Honey» ou «Sugar»? — atirou-se novamente a ele e mordeu-o até fazer sangue.

Mr. Hubbard afirmou, mais uma vez, com dignidade e estoicismo que «não era nada» e deixou o castelo. Mas teve de ir ao hospital para fazer examinar o ferimento de dois centímetros e meio. E no dia seguinte, toda a Imprensa britânica relatava o incidente. Uma das gazetas, tendo recordado o velho adágio jornalístico, concluiu com um humor «made in England»: estava «realmente» feita a prova de que a fórmula não é exacta.

Esse lamentável mas mínimo incidente seria esquecido rapidamente se, alguns dias depois, não tivesse sido repetido, e dessa vez não no quadro íntimo e discreto do velho castelo de Windsor, mas no coração de Londres, em Buckingham Palace. Treme-se (respectivamente) ao pensar que o segundo incidente se tivesse produzido à hora sacrossanta do render da guarda. Como todos sabem, essa cerimónia é um rito que nada deve perturbar.

O granadeiro Alfred Edge, vinte e três anos, estava no seu posto, imagem viva e hierática da «guarda que vela às portas do palácio». Coberto com o enorme boné de pêlo, o busto cingido na sua farda escarlate, a espingarda no ombro esquerdo, fazia regularmente, matematicamente, trinta passos para um lado, trinta passos para outro, como um metrónomo vivo.

Um doméstico transpôs a entrada, conduzindo à trela um dos três cães, Susan. Seria porque o granadeiro parecesse movido por um movimento de relojoaria que lembrou ao animal um certo Mr. Hubbard? O cão, examinou aquele «robot» majestoso e, de súbito, sentiu-se tomado de uma cólera incoercível e ancestral. E zás! — Ferrou os dentes na perna esquerda do soldado. Este não tugi nem mugiu. Um granadeiro de Sua Majestade, «em serviço», não vê nada, não ouve nada, não sente nada. Conta os seus passos. Ao ser rendido, fez-se tratar. Três dias depois, a Televisão propôs-lhe fazê-lo figurar na sua emissão — «Adivinhem quem sou!» — a fim de que o Mundo inteiro pudesse conhecer os traços fisionómicos deses digno soldado de S. M. Britânica. Quis recusar: sua mulher convenceu-o a aceitar. Mas na véspera do dia em que ele devia passar diante da objectiva, recebeu uma mensagem lacónica:

«Lamentamos ter de anular propostas. Esperamos que a sua perna esteja curada».

Com efeito, os serviços da corte tinham avisado a Televisão de que não era conveniente dar publicidade ao facto de um cão da Rainha ter mordido uma sentinela. Como se os cães, sobretudo quando vivem em Buckingham, não sejam cães!

Este número da ilustração Portuguesa foi visado pe'a Comissão de Censura.

SIDNEY CHAPLIN

estava condenado à inação. Georgette Leblanc, a ex-senhora Maeterlinck, definiu muito bem a situação dos dois mal-casados: «De um lado, um ser perseguido, espoliado, impedido de se entregar a qualquer actividade. Do outro, uma insensata que o perseguiu gritando injuriando, reclamando dinheiro, recusando-o, voltando a pedir-lo, num ciclo infernal, em que era apoiada por um coro de fúria que aumentava de dia para dia».

Com efeito, as ligas femininas poderosíssimas nos Estados Unidos, haviam-se colocado ao serviço da «perseguida». Arrastaram Chaplin pelas ruas da amargura, atribuindo-lhe toda a espécie de taras. Os clamores das «simpáticas» senhoras repercutiram em todos os clans puritanos. Alguns oportunistas recolheram n.º. a brochura (que se vendeu muito bem) as escandalosas razões de queixa de Lita Grey.

Ao mesmo tempo, os filmes de Chaplin eram boicotados. Houve quem observasse que tudo se passou com se a campanha, lançada no momento em que o artista lutava com dificuldades financeiras, «trusts», resolvidos a desacreditar e a arruinar o independente Chaplin, que se permitia o direito de fazer filmes anti-sociais como «A opinião pública».

O DIVORCIO E OS FILHOS

Recorde-se que esta campanha indignou o mundo artístico. Em França, foram publicados protestos com as assinaturas de Germaine Dulac, René Clair, Harry Baur, Henry Poulaille, Robert Desnos e muitos outros. Finalmente, a senhora Chaplin atenuou as suas recriminações, mantendo apenas a clássica «crueldade mental». Obteve então a satisfação que desejava, isto é, o divórcio e 600.000 dólares. Por seu lado, Chaplin deu-se por muito feliz por poder voltar ao seu trabalho.

A separação dos esposos afectou dois inocentes, os filhos: Charles Spencer Chaplin, nascido em 28 de Junho de 1925, e Sidney Earle nascido em 30 de Maio de 1926. Nas polémicas desencadeadas pelos paladinos da virtude, os pequenos tinham sido mencionados com frequência. As damas das Ligas pretendiam que Charlot retirava o leite das bocas dos seus pobres filhos. Ao que ele respondia:

— Não é o leite que os meus filhos bebem que preocupa essas senhoras. O que elas pretendem é aniquilar-me.

Lita Grey obteve a custódia dos dois filhos, mas Chaplin ficou com o direito de os ver. A mãe levava-os a passear periodicamente até à Europa, mas, no regresso, eles iam ao estúdio ver o pai filmar e não dissimulavam a sua admiração. Muito naturalmente, começaram a sentir vontade de o imitar.

Lita, que começara a trabalhar no «music-hall» sob o nome de Lita Grey-Chaplin, pensou em fa-

★ Continuado da pag 1 ★

zê-los actuar no cinema como meninos prodígios. Com o nome que eles usavam, o êxito era garantido. Mas Chaplin opôs-se firmemente a esta especulação.

Os dois irmãos cresceram sem terem feito cinema prematuramente. A sua mãe ocupou-se com outro assunto: voltou a casar. Quase no termo da guerra, Sydney e Charles entraram para a aviação americana e viveram para a Europa com Patton. Após a sua desmobilização, tinham já idade para se ocuparem pessoalmente das suas carreiras artísticas. E receberam, então, a aprovação paternal.

A HISTÓRIA DE SIDNEY

Sidney tem o mesmo nome de seu tio, que foi actor e depois colaborador de Charlot. O jovem escrevia o nome com dois Y, pois isso, na opinião de sua mãe, tornava-o mais chique.

Tal como o irmão, viveu na infância, com o pai, seis meses por ano. O pai dizia-lhe: «Parás cinema quando eu te der uma oportunidade». Quando regressou da guerra, começou por se interessar pelo teatro. Com o seu amigo Jerry Epstein — que viria a ser assistente de Charlie Chaplin — transformou um velho armazém em sala de teatro: o Circle Theater onde os espectadores se sentavam em redor do círculo central que funcionava como palco. No seu teatro circular, Sydney interpretou peças diversas desde «Chuva», de Somerset Maugham, até «Calígula» de Camus, passando pelo «Doente imaginário» de Molière. A Columbia ofereceu-lhe um contrato interessante, mas ele, seguindo o conselho de seu pai, recusou. Estrear-se-ia como actor cinematográfico em «Luzes da Ri-

balta», onde desempenhou o papel do compositor Neville, enamorado da bailarina. Uma tal estreia não poderia passar despercebida.

Como a bailarina era interpretada por Claire Bloom, e os dois andavam juntos com frequência, começou a constar que os dois se iam casar. Era uma interpretação abusiva da sua boa camaradagem. Os dois artistas estavam longe de pensar em tal solução, e não concretizaram este projecto formado por terceiros.

O automobilismo é a grande paixão de Sydney. É um desporto que junto aos outros que sempre gostou de praticar — o basquetebol, o tennis e a natação. Quando se deslocou a Itália para trabalhar num filme ao lado de seu irmão, tratou de adquirir um «Ferrari» de corrida. Não encontrou imediatamente o carro que desejava, mas, em compensação logo no primeiro dia que passou em Roma, travou conhecimento com a jovem comedianta inglesa Joan Collins, que o realizador produtor Howard Hawks escolhera como vedeta para o filme em cinemascópio, «A terra dos faraós».

Foi um «coup de foudre» imediato e bilateral. No bar dos estúdios da Cinecittá, os dois passaram a ser vistos diariamente, bebendo «Coca-Cola», em adoração recíproca.

Sidney viu-se em face de um dilema: o automóvel... ou o amor? Como homem prático, optou pelos dois. Comprou o «Ferrari» e serve-se dele para ir passar os fins de semana ao pé de Joan Collins. O mar não está longe, e os dois jovens banham-se nas suas ondas com um estilo que faz a delícia dos fotógrafos. A palavra «casamento» tem sido escrita constantemente nos jornais italianos, sempre que estes fazem referência ao romance Sydney-Joan. E, até agora, ainda ninguém desmentiu...

NO TIROL SÚ SE CANTA ASSIM:

- «LERO LEROOOO»

A celebrizada opereta «A Estalagem do Cavalo Branco» foi posta em cinema pelos alemães com todo o esplendor e toda a riqueza que impunham as tradições musicais daquela obra teatral, agora filmada em cores naturais. Lá fora, diz-se que é a primeira película musical saída dos estúdios alemães que encerra as qualidades que prestigiaram este género de filmes germânicos antes da guerra e que conheceram o maior êxito pelo Mundo fora. O título é bem conhecido pois o público recorda-se certamente da alegria e do movimento desta opereta que fez larga carreira entre nós como um dos mais agradáveis espectáculos musicais, agora valorizado com a presença dos famosos artistas vienenses Johanna Matz, Johannes Hesters e Walter Muller, superiormente dirigidos por Willi Forst.

«VIDA
MUNDIAL»

LEIAM TODAS AS SEXTAS-FEIRAS
O GRANDE SEMANARIO
DOS ACONTECIMENTOS POLITICOS INTERNACIONAIS
Preço 1\$50

-BOM dia, lindo mês de Maio — disse alegremente Mr. Courrege.

A secretária estendeu a mão a seu patrão, que a levou aos lábios, beijando-a levemente com galanteria.

Mr. Courrege tinha cinquenta anos e possuía uma das mais sólidas casas do Sentier e os tecidos Courrege eram muito bem cotados. Mónica Dupont desejava não ser estranha ao gosto das colecções oferecidas.

Ela era a indispensável secretária: assimilação rápida, memória segura, sentido inato da elegância, como tantas raparigas de Paris.

— Então, minha linda à vezinha?! A noite foi boa conselheira?

— A noite não mudou nada do que resolvemos ontem.

— Ainda bem—disse Courrege.

Mr. Courrege tinha sido, aos vinte anos, o mais virtuoso dos maridos. Viúvo, abusara um pouco da liberdade que ele ignorara, na sua mocidade, ocupada em construir uma fortuna sólida. Depois, surgira Mónica, uma esteno-dactilógrafa, numa dessas fornadas que as escolas da especialidade deitam todos os anos cá para fora.

A inteligência, o gosto pelo trabalho, evidentemente também o

Mademoiselle, precisa de chauffeur experiente para periodo de férias. Salário interessante.

— Está bem. Segundo as minhas instruções, Aurélia escolherá um que sirva.

Efectivamente, na manhã seguinte começaram a aparecer os pretendentes.

Aurélia entrou no gabinete de Mónica, com o correio da manhã. Depois, disse:

— Já veio um pretendente. O primeiro. Parece-me muito correcto.

— Está bem... Que espere um pouco. Depois chamarei.

Ao ficar só, Mónica reflectiu.

A viagem prevista devia ser uma experiência de «tête-à-tête» com Courrege, refreada pela presença do motorista.

Ela sabia muito bem que seria um grande sacrifício ligar a sua vida a um homem vinte e cinco anos mais velho do que ela. Mas porque não aproveitar essa probabilidade?

Introduzido o pretendente, ela examinou-o com curiosidade. Mas logo a estupefacção e o assombro invadiram a sua fisionomia.

O rapaz, bem posto, estilizado, inclinara-se para ela, apresentando-lhe a carta de condução.

Como poderia ele reconhecer naquela jovem encantadora a rapariguita de mãos sujas e cabelos rebeldes que tanto brincara com ele?

— E verdade! Lembras-te de que eu te chamava o «olho vivo»?!

O rapaz estava perturbado ao ouvir essa voz resuscitada, de que ele nunca tinha esquecido o timbre tão rico em variações, que parecia o tinar de cristais.

— Mas, então, que decisão foi esta? — perguntou-lhe Mónica. — Não compreendo.

— É natural! Estou farto da ociosidade. Meu pai come a sua reforma, perto de Toulon, minha mãe entretém-se todos os dias com os animais e as suas flores. Ora, como eu não quero apodrecer tão cedo, assim que li o anúncio, dei um salto de contente e corri aqui. Esse Mr. Courrege não sabe conduzir?

— Sabe, sim. Mas prefere ter um «chauffeur» para nos levar.

— Nos levar? — repetiu André, invadido por um mau humor.

— Sim. E então? Meu patrão e eu. Se nos entendermos, durante a viagem, no regresso casaremos.

— Então, muitos cumprimentos! — disse André, um tom seco. — Eu renuncio ao lugar!

— Vamos. Não seas idiota. Esta é para ti uma bela ocasião de



FÉRIAS—SURPRESA

seu encanto físico, fizeram dela, em pouco tempo, a secretária de Mr. Courrege. Ele pensou logo em fazer dela sua amante. Mas, depois propôs-lhe o casamento.

— Então, foi fazer esta manhã o exercício físico?

— Faltar à minha sessão diária?! Nunca! A ginástica aproxima-me de si... Faz-me desaparecer esta barriga.

Ele endireitou-se sobre as suas pernas curtas.

— Quanto ao anúncio, Mónica, e preciso saber escolher. Já o redigiu?

— Já, sim. — E Mónica leu a meia dúzia de linhas:

Por
PAULINE VALMY

Sem se poder conter, Mónica exclamou:

— Mas isto é fantástico!

O «seleccionado» de Melle. Aurélia ficara um pouco aparvalhado.

— Então, não me reconheces? Estou de tal forma assim tão mudada que...

— Maria Dupont!? Tu?! Tu, aqui?

férias. Verás. E te fará bem. Aceita. Depressa.

O itinerário do trio a diversos lugares, até ao Mediterrâneo.

Courrege, cada vez mais apaixonado por Mónica, já lhe cha-

mava a «minha querida noiva», o que aborrecia extraordinariamente o «chauffeur». Entretanto, o retrovisor era uma defesa contra gestos incorrectos e imprudentes.

E esse facto levou Mónica a comparar os dois homens.

Courrege destilava aborrecimento, fastio, apesar das suas atenções. Então, reflectiu:

— Para que servia um casamento rico, sem amor?

Nessa noite, Courrege, fatigado da viagem, quis recolher cedo. Mónica porém, no jardim do hotel, passeava com André, à fresca brisa da noite.

— André! Como eu gostaria de ver teus pais!

— A «mademoiselle» Mónica está a gracejar, sem dúvida!

— Não. É a pequena Maria que te diz isso.

— Maria? Não. Ela já não existe. Aqui só existe a bela Mónica, que prepara a realização de um negócio de dinheiro.

— És estúpido e grosseiro. Escuta. Tu não vais passar ao lado de tua casa, sem ir ver teus pais. Leva-me contigo!

— A futura proprietária dos «tecidos Courrege» não tem nada a fazer em casa de modestos refor-

SEPELHO MULTIFÁRIO

E' muito agradável ser novo. Melhor: foi aprazível nos tempos em que a juventude se entretinha a fazer versos, a namorar e a desejar coisas apetecíveis na esperança de que a hipótese se tornasse realidade. É certo que os rapazes estudavam pouco e senhavam muito. Mas se não adormeciam agarrados aos livros, demonstavam, através da cabulice, dotes de inteligência.

No entanto não acreditamos que a mocidade seja a melhor época da existência. Se despertasse em nós a sombra de pessimismo que reside em quase todos os indivíduos conscientes, não optariamos por nenhuma fase da vida; pois todas, cremos, enfermam de males e reflectem insuficiências.

A infância é tida como a mais ridente e feliz idade. Todavia, se alguém meditar um pouco no lugar comum, reconhecerá que não é assim. Como pode ser feliz quem não sabe que o é, e não tem a mais ligeira ideia do admirável significado que atribuem à felicidade? Mas é feliz, diz-se. Como há-de a criança conhecer as delícias de um sentimento que desconhece e que, portanto, não pode avaliar?

Há também a juventude, a idade em que o homem ama e sonha com venturas e aventuras. Contudo, sonhar com a felicidade nem sempre faz as pessoas felizes. É talvez por isso que após tantas quimeras malogradas os jovens acabam quase sempre descrentes e amargurados.

Então caminha-se para a velhice, que é o fim, e em que o indivíduo está de posse da virtude e de profundos conhecimentos adquiridos no decorrer de um largo período de tempo. A inteligência disciplina e torna coerentes as ideias e os pensamentos, e a cor rubra dos desejos toma, habitualmente, tons violáceos de saudade. O coração já não desvaire, como na adolescência, e a vida é para os velhos calma, serena, friamente ordenada. É isto, mais ou menos, que está convencionalmente. Mas o leitor, seja qual for a sua idade, acredita que seja assim?

Pomos em dúvida que existam pessoas tão crédulas e contemporizadoras ao ponto de aceitarem tudo quanto se diz. Se quem nos lê já deixou de ser jovem reconhecerá que a velhice nada se parece com a opinião dos que falam dela com respeitosa solenidade, aludindo aos cabelos brancos, à ponderação, à ciência, ao tempo, «o grande mestre da vida» e a outras tolices afins. Em numerosíssimos casos nem os próprios velhos se lembram de que já atingiram a idade em que é costume haver juízo. Nem mesmo se conformam com os atributos que lhes conferem.

Se a mocidade é a época em que todas as loucuras se justificam, a velhice é, simplesmente, ridícula e quando tenta mascarar-se de juventude. Este fenómeno humano explica-se nos casos em que os velhos não são menos desatinados de que os novos. Uma diferença, porém, os distingue: na mocidade o homem é conscientemente doído — deixem passar o pleonismo — enquanto na velhice os seus desvaireamentos são inconscientes.

As pessoas idosas costumam clamar, desalentadamente: «ah! se eu soubesse o que sei hoje!» Mentira, não sabem nada. Ainda continuam a praticar actos insensatos. O que eles pretendem dizer é que se voltassem ao tempo passado continuariam a fazer as mesmas ou piores asneiras — reincidiriam nos mesmos erros. O bom senso não é apanágio da idade. Há até quem afirme que existem rapazes tão ajuizados que parecem velhos e, contrariamente, velhos tão doídos que sob este aspecto nada ficam a dever aos novos.

Os ingleses têm por hábito sentenciar que «estas coisas da vida» são muito complicadas. Deste modo encontram a solução de todos os sentimentos — que é como quem diz: é melhor não falar nisso.

As vezes dá-nos para nos entreter com assuntos que só devem interessar aos outros e nem sempre nos ocupamos dos que nos dizem respeito.

É verdade que os filósofos tentam explicar, ou complicar, determinados fenómenos da alma humana, mas quase sempre são insinceros. Tanto os que vêm nela o paraíso como aqueles que não se cansam de a malsinar chamando-lhe lugar de expiação. Não acreditamos na sinceridade dos filósofos. Pois se até estes são contraditórios e não confiam lá muito no que afirmam. A justificar a asserção salta-nos à memória esta frase de Nietzsche: «a grande estima pelas «coisas importantes» quase nunca é verdadeira». E Schopenhauer, que aconselhava o suicídio colectivo da Humanidade, quando certa vez se manifestou uma epidemia de cólera na cidade onde habitava, fugiu para bem longe com receio de morrer...

Pois se os filósofos, que se dão ao cuidado, tantas vezes frustrado, de explicar a verdade e os mistérios da vida e do homem, não acreditam no que dizem, que havemos nós de sentenciar sobre temas tão profundos que somente estão reservados aos grandes pensadores? Nunca se deu o vezo para ascender a altas filosofias — não somos desses.

A GUERRA NA COREIA E O CINEMA

TRES produtores britânicos entraram em luta aberta, pela reivindicação do direito de realizar um filme sobre o heroico comportamento do regimento de Gloucester na guerra da Coreia. A disputa iniciou-se quando a Warwick Film Production anunciou o projecto de rodar «Os gloriosos Gloucesters», com Alan Ladd ou Jack Hawkins no papel do famoso coronel Carne. O produtor George Minter protestou contra o título, afirmando que tinha registado igual título alguns meses antes. Por sua vez, o produtor Godfrey Grayson, da Gibraltar Films, decidiu lavar, também o seu protesto, com o fundamento de que o mesmo assunto ia ser tratado na sua película «The Last stand of the Gloucesters», cujo título estava registado há mais de um ano.

Por seu turno, o ministro da guerra britânico afirma que a questão sobre os direitos de filmagem é estritamente comercial, mas que o filme terá de revestir um carácter de absoluta autenticidade.



SEM PALAVRAS

★★★★★
**FÉRIAS
SURPRESA**

Continua do da pá. 6

★★★★★

mados. Desta vez, não te obedecerei, como fazíamos noutros tempos.

— Mas quem diz isso. Não, André. Eu é que quero obedecer ao meu coração e depois obedecer a ti... Ah! Não imaginas? Apesar de tudo, eu pensei sempre que uma vida presa a Mr. Courrege seria um suplício. Agora, sei onde está a Felicidade. — E Mónica apoiou a cabeça no ombro do seu amigo de infância.

Quando na manhã seguinte, Mr.

Courrege acordou, encontrou uma carta que havia sido metida por baixo da porta.

Dizia apenas o seguinte:

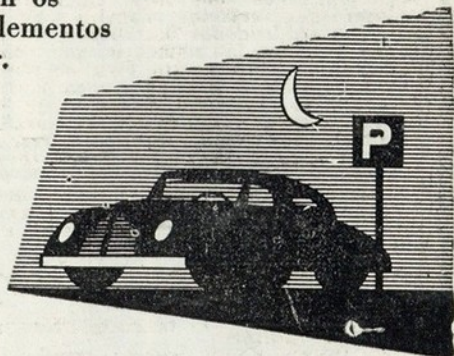
«Senhor. Esta prova foi decisiva, e devo ser-lhe franca. Procure outra secretária. E desculpe-me: Mr. André Dejour conduziu-me num carro alugado a casa de seus pais, pois quer apresentar-lhes a sua pequena amiga de infância, Maria Dupont, que para o senhor era Mónica».



Enquanto janta...

...estará o motor do seu carro em segurança? O motor não só se deteriora quando funciona, mas também quando está parado. Logo que se desliga o motor, o vapor de água proveniente da combustão, condensado nas paredes dos cilindros, combina-se com os sub-produtos da combustão, dando lugar à formação de elementos corrosivos que atacam as superfícies metálicas do motor. Cuidadasas investigações laboratoriais provaram que a principal causa do desgaste dos motores, não é o atrito, mas sim a corrosão. O Shell X-100 Motor Oil combate a corrosão durante as 24 horas do dia, porque evita que os agentes ácidos se fixem nas paredes dos cilindros e noutros órgãos internos do motor.

Descanse...



SHELL X-100 MOTOR OIL

protege o motor contra a Corrosão

ESTAS IMPORTANTES INDUSTRIAS LHE OFERECEM SEGURANÇA, MELHORES EMPREGOS, MAIS DINHEIRO



**MANDE O CUPOM HOJE
E RECEBERÁ TODA A IN-
FORMAÇÃO QUE VOCÊ
NECESSITA PARA FOR-
JAR-SE UM BOM FUTURO**



RADIO—TELEVISÃO
e Electrónica

ou

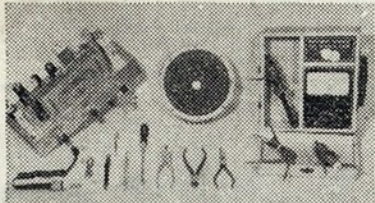
MECÂNICA AUTOMOTRIZ
Industrial e Diesel

Na grande indústria de Rádio, Televisão e Electrónica HA UMA BOA COLOCACAO PARA VOCE! Existe uma grande procura de rádio-técnicos bem preparados, e as oportunidades de GANHAR BOM DINHEIRO aumentam dia a dia. ESTA E SUA OPORTUNIDADE! ESTUDE EM SEU PROPRIO LAR, MEDIANTE O SISTEMA ROSENKRANZ DE APRENDER FAZENDO!

As portas de um presente seguro e de um futuro produtivo estão sempre abertas ao mecânico bem preparado! A INDUSTRIA NECESSITA MECANICOS; SEJA UM DELES. Você tem a seu alcance OPORTUNIDADES ILLIMITADAS; poderá GANHAR MAIS DINHEIRO e assegurar sua posição no amplo campo que constitui a Mecânica. APROVEITE ESTA OPORTUNIDADE!

CONSTRUA UM RECEPTOR COM AS PEÇAS QUE LHE DAMOS

Voce recebe todas as partes para a montagem de UM POTENTE RECEPTOR DE ONDAS CURTAS E LONGAS, inclusive válvulas de alta amplificação. Também damos UM APARELHO PROVADOR para a execucao de trabalhos profissionais, e um jogo completo de ferramenta.



ENSINO TECNICO-PRATICO DESDE 1905
Com o famoso MÉTODO ROSENKRANZ voce aprenderá facilmente. A National Schools tem quase meio século de trabalho educacional. UMA INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL E SÉRIA!

GANHE DINHEIRO ENQUANTO APRENDE
Com nossos cursos você tem a vantagem de que PODE OBTER PROVENTOS ADICIONAIS A SEU SALARIO ACTUAL, mesmo antes de terminar seu curso. GANHE DINHEIRO ENQUANTO APRENDE!

RECEBE SEM CUSTO ADICIONAL ESTE MAGNIFICO EQUIPAMENTO

A Escola lhe proporciona ferramenta e instrumentos de precisao, com os quais poderá montar e desmontar máquinas, localizar defeitos nelas, reparar ou substituir as peças avariadas e efectuar os alinhamentos e ajustes necessários.



A OPORTUNIDADE BATE À SUA PORTA



**ESTE
CUPOM
É
A CHAVE
DE SEU
FUTURO.
REMETA-O
HOJE
MESMO!**

NATIONAL SCHOOLS

4000 So. Figueroa St., Los Angeles 37, Calif., U.S.A.

ENVIE ESTE CUPOM HOJE

National Schools
4000 So. Figueroa St. Depto. PRM.
Los Angeles 37, Calif., U.S.A.

Envie-me seu prospecto e lição-amostra GRÁTIS sobre:

- Radio, Televisão e Electrónica
 Mecânica Automotriz, Industrial e Diesel
(Marque somente o curso de sua preferência.)

Nome _____ Idade _____

Endereço _____

Cidade _____ Edo. ou Prov. _____

País _____